



Recensão crítica

*Miguel Metelo de Seixas
e Lourenço Correia de Matos*

SEPARATA DE

ARMAS E TROFÉUS
REVISTA DE HISTÓRIA, HERÁLDICA, GENEALOGIA E ARTE

IX SÉRIE
TOMO XVII
2015

RECENSÃO CRÍTICA

Miguel Metelo de Seixas e Lourenço Correia de Matos

MELLO, José António de (coordenação); NEVES, Pedro Mascarenhas Cassiano (textos); ALVIM, Ana Luísa da Cunha de (fotografia), *Casas e Palácios de Lisboa. Pedras d'Armas*, Lisboa: Scribe, 2014, 287 pp.

Há muito que a cidade de Lisboa carece de um inventário das suas pedras de armas. As escassas obras gerais existentes até à presente edição, bastante datadas, forneciam apenas um ponto de partida para tal levantamento, pois limitaram-se a arrolar exemplares um pouco a esmo, descrevendo-os e identificando-os de forma sintética. O único projecto de arrolamento sistemático da heráldica de exterior lisiponense e do seu estudo aprofundado, desenvolvido no âmbito do Centro Lusíada de Estudos Genealógicos e Heráldicos, publicou em 2005 um primeiro volume dedicado à freguesia de Santa Maria de Belém – e ficou por aí, deixando por estudar as outras 53 freguesias (hoje 23, mercê da última reforma administrativa territorial).

Uma dessas obras gerais deveu-se à iniciativa de José de Mello (Sabugosa), que entre 1945 e 1946 publicou uma série de estudos sobre 77 pedras de armas, sempre acompanhados de desenhos, reunidos em livro como apêndice à *Revista Municipal* de Lisboa. A obra de José de Mello serviu como ponto de partida para que, volvido mais de meio século, o seu parente José António de Mello nutrisse o escopo de a retomar para, como explica na Introdução (pp. 9-13), lhe poder dar continuidade e, em simultâneo, provê-la de actualização. Longe porém de se limitar a completar a obra original com exemplares heráldicos que aí não haviam sido contemplados, o coordenador da nova obra quis inovar em diversos outros sentidos: substituindo os textos algo lacónicos da primeira obra por outros mais

complexos, que dessem conta da história dos edifícios abrangidos e das famílias ou instituições a que se encontram ligados; procurando incluir para cada caso o testemunho de pessoas que de uma forma ou de outra representassem tais ligações; organizando os exemplares por zonas da cidade, formando assim um roteiro; dotando o volume de fotografias de cada exemplar, em vez dos desenhos anteriores; e, por fim, dando a este conjunto o formato de um livro de arte, cuidadosamente paginado e impresso.

Tais alterações correspondem também ao projecto editorial tal como vem definido por Manuel de Bragança e Pedro Maria de Alvim nas suas “Duas notas, algumas pistas e um convite do editor” (pp. 6-7): o entendimento da obra na sua dupla natureza de tombo histórico-cultural e de guia turístico, o que justifica igualmente a sua publicação em duas línguas (uma edição portuguesa, outra inglesa); e a inclusão dos depoimentos de uma série de pessoas que, por via familiar ou institucional, participam na qualidade de representantes actuais da história de cada edifício. A escolha da Scribe para editora revela-se acertada, na medida em que a publicação beneficia de uma qualidade gráfica modelar. Quanto às fotografias de Ana Luísa da Cunha de Alvim, pode dizer-se que dificilmente poderiam atingir grau mais elevado de competência; em muitos casos, é mesmo surpreendente que a fotógrafa tenha conseguido alcançar resultados tão meritórios, dado o estado de conservação das pedras e a distância ou o ângulo ingrato a que se situam. O inventário heráldico propriamente dito e os textos que o acompanham ficaram a dever-se a Pedro Mascarenhas Cassiano Neves, com base no estudo das casas nobres lisboetas que vem conduzindo há cerca de quinze anos, como explica na sua “Nota prévia” (p. 15).

Em relação ao levantamento heráldico olisiponense, há que assinalar que esta é sem dúvida a obra mais completa produzida até hoje, assumindo desde logo, como faz o autor, que trata apenas de armas de família, de eclesiásticos ou de ordens militares, excluindo todos os restantes tipos de heráldica. Na verdade, o livro retoma os arrolamentos existentes e completa-os de forma a atingir cerca de uma centena de exemplares. Os casos que ficaram de fora serão pois aqueles mais recônditos, a que o autor dificilmente poderia ter acesso. Lembremos aqui, por exemplo, a pedra de armas actualmente encastrada na entrada da Vila Rodrigues, a Sapadores, divulgada no volume de *Olisipo* referente ao ano de 2010 mas só recentemente publicado; ou a pedra de armas de Silvas guardada no palácio dos marqueses de Vagos, a São Cristóvão. Nas omissões, referimos ainda a quinta do Beau Séjour – hoje Gabinete de Estudos Olisiponenses, espaço indispensável a quem trabalha a história da cidade – onde se encontra o timbre dos Allen, barões da Regaleira (além de um monograma do barão da Glória encimado pelo coronel deste título); e a quinta do Monteiro-mor, hoje Museu do Teatro, no Paço do

Lumiar, com a pedra de armas de Avelar. No Museu do Carmo, poderiam ter-se referido algumas das pedras de que se conhece a origem e localização na cidade, nomeadamente aquelas retiradas de casas que ainda existem, e outras, de imóveis já demolidos mas perfeitamente identificados, como seja a da quinta da Nazaré, ou da Palma de Cima, dos condes de Oliveira dos Arcos.

Omite-se ainda o caso interessantíssimo dos lintéis armoriados das janelas do palácio dos guarda-mores da Casa da Índia (Sousa da Silva d'Alte) a São Sebastião, dotados de elementos soltos da heráldica desta família; aliás comparável ao exemplar com a caderna dos Sousas na casa nobre do Calhariz à Ajuda (pp. 31-33), posteriormente sede da Câmara Municipal de Belém, que o autor aponta como único deste género na cidade de Lisboa (mas cita depois também o caso da janela do palácio dos condes de Vila Nova e marqueses de Abrantes, a Santos, que nos parece em tudo comparável). Acrescentemos ainda a janela com armas de Faria, no prédio de gaveto da Rua de Santa Marta com a Travessa do Enviado de Inglaterra.

Alguns dos casos arrolados na obra constituem em contrapartida verdadeiras descobertas, como a pedra de armas dos condes de Alvor conservada no Museu Nacional de Arte Antiga, vestígio raro da heráldica dos Távoras. Outros consistem em exemplares apeados e mantidos no interior ou nos jardins de palácios, e por isso inacessíveis ao olhar dos transeuntes como à atenção dos investigadores. Só a possibilidade que os autores da obra tiveram em aceder a esses espaços interiores lhes permitiu contabilizar também estes exemplares, numerosos e significativos, como a pedra de armas de Silvas, condes de São Lourenço, proveniente da quinta da Praia e hoje no palácio de Santo Amaro, pp. 21-23; a de Saldanhas no palácio Alcáçovas, pp. 82-85; as de Sousas, condes de Redondo, proveniente do palácio de Santa Marta e hoje na quinta de Bonjardim, em Belas, pp. 132-134; a de Botelhos, condes de São Miguel, proveniente do palácio de Arroios, e outra, ambas hoje no palácio do Salvador, pp. 178-181; a de Vieira e Teles da Silva do palácio Teles de Meneses, pp. 200-202; a de Sousas, duques de Lafões, no palácio do Grilo, pp. 230-233; a de Borges e Coutinho, marqueses de Praia e Monforte, no respectivo palácio, pp. 250-253; as de Tavares e Sousa, e de Velhos, Pegados e Freires, na casa nobre do visconde de Monforte, pp. 258-261; e a de Meneses, marqueses de Lourical, proveniente da casa de Santa Isabel e hoje na quinta de Nossa Senhora da Paz, pp. 271-273. Não se faz referência à pedra que então existia na casa dos Arriagas (pp. 38-39), que José de Mello desenhou no seu trabalho (escudo cortado, I partido, 1 Queirós, 2 Pinto, II Ataíde) e foi posteriormente substituída pela que hoje aí se encontra.

Os textos que acompanham as imagens das pedras de armas incidem por um lado na história dos edifícios, por outro na história dos seus detentores, elo de

ligação quer com os testemunhos actuais, quer com a própria manifestação heráldica. Os depoimentos dos descendentes dos proprietários das casas, que fizeram uso das armas nelas apostas, têm naturalmente valor variável; de qualquer forma, poderiam ter sido revistos de forma a evitar que se propagassem alguns erros, fruto de um conhecimento menos profundo da história das famílias e dos espaços que estas habitaram. Muitos dos textos do autor do livro são ainda completados com judiciosas observações no campo da história da arte, tanto na apreciação dos edifícios como na caracterização estilística das representações heráldicas.

A bibliografia é escassa, não tendo sido consultados – ou pelo menos referidos – títulos monográficos de relevo para o conhecimento das casas estudadas, como sejam, por exemplo, o texto sobre o palácio dos Guiões de Manuel Bobone (1968), o estudo sobre o palácio Marialva, de Agostinho Araújo (1993), o livro sobre os Condes de Bobone (1996) para o palácio Mendia, ou trabalhos importantes publicados na fundamental revista *Olisipo*, como o dedicado ao palácio do Manteigueiro – Condeixa –, por Mário Costa (1958), o dos palácios dos Marqueses de Gouveia, da autoria de Abílio Mendes do Amaral (1969), ou ainda o de Paulo Caratão Soromenho sobre o palácio de Pedro Roxas e Azevedo – Trofa (1980). De referir também a ausência, no que respeita às inúmeras representações heráldicas do 1.º marquês de Pombal e da sua família, de qualquer referência aos diversos trabalhos já publicados sobre o assunto.

O ponto fraco da obra reside porém na sua dimensão heráldica propriamente dita, ou seja, na análise do conteúdo das pedras de armas. Os textos que acompanham cada exemplar incidem, como dissemos, na história do edifício e dos seus detentores; a heráldica encontra-se presente, na maior parte dos casos, apenas no parágrafo final de cada texto, resumindo-se à mera identificação dos sinais. Esta cita amiúde as descrições realizadas por Luiz Ferros, revelando uma certa falta de domínio da matéria, nomeadamente quando é necessário tratar de casos não arrolados ou não inteiramente descritos por este autor: assim, por exemplo, o erro na leitura da pedra da casa do marquês de Pereira Coutinho, trocando o III pelo IV quartéis, p. 46; a confusão das armas de Ribeiro com um esquartelado de Lima e Vasconcelos, no palácio dos barões de Barcelinhos, p. 108; a incapacidade em identificar a pedra de armas da Rua do Milagre de Santo António (já devidamente tratada por José Bénard Guedes), p. 192; a dificuldade em descrever de forma precisa a pedra de armas do palácio dos Guiões, p. 254; ou a falta de observação de pormenores heráldicos relevantes, como a presença inusitada das armas primitivas da Casa de Bragança em substituição de Portugal-antigo no esquartelado de Albuquerque do palácio da Ega, p. 29. A descrição heráldica pauta-se aliás por um modelo um pouco obsoleto no que se refere à intenção de mostrar os lapsos de execução dos exemplares em desconfor-

midade com a norma, sem dar o devido valor ao carácter flutuante desta, ou à sua eventual não-aplicabilidade; assim, ao tratar das pedras do palácio Oldenburg/Barbacena, o autor retoma a menção que Luiz Ferros fizera quanto a um abusivo coronel de duque, quando os estudos entretanto publicados permitem explicar tal tipo de usos em função do exercício de cargos governativos ultramarinos ou diplomáticos.

Mas, para além destas pequenas falhas pontuais, é sobretudo pela falta de análise heráldica que a obra peca. A bibliografia heráldica portuguesa tem vindo a aumentar exponencialmente nos últimos anos; os estudos sobre heráldica lisiponense são hoje numerosos, ainda que dispersos por uma miríade de publicações nem sempre fáceis de encontrar. Muitos dos exemplares arrolados já se encontram, assim, estudados de forma mais ou menos aprofundada; ora, na maior parte dos casos, não se vislumbra influência das respectivas conclusões ou interrogações na presente obra. Embora fosse empreendimento porventura trabalhoso, não teria sido difícil proceder à inclusão do conjunto de informações heráldicas disponível; e sobretudo, teria sido essencial para a obra ganhar um valor heráldico que fosse além da qualidade inquestionável do arrolamento. Mais ainda, a dimensão do universo heráldico tratado permitiria realizar uma caracterização global, quer no que se refere a tipologias heráldicas e artísticas, como à análise do diálogo estabelecido entre a heráldica, a história da nobreza, a arquitectura, o urbanismo, a cidade. Uma primeira visão geral, em suma, da heráldica nobiliárquica lisboeta.

Assim, as pedras de armas, longe de constituírem o cerne da obra, assumem nela apenas um carácter ilustrativo. Servem como elo de ligação meramente visual entre os edifícios, a sua história e a história dos seus detentores, sem conseguirem elevar-se a objecto de estudo pelo qual tal ligação se construa e se explique. Como assinalam os editores nas suas notas, na p. 7, “os brasões de armas não só identificam com precisão as famílias que representam, como constituem um riquíssimo manancial de informação histórica e cultural, em grande medida por explorar”. É precisamente esta dimensão interpretativa que a obra deixa em aberto. Trata-se pois de um belo livro, manifestamente realizado com cuidado e partindo de um projecto louvável, com o mérito de constituir um ponto de partida para uma obra que seja verdadeiramente um roteiro heráldico de Lisboa. Terminemos por onde começámos: há muito que a cidade de Lisboa carece de um inventário das suas pedras de armas; este livro constitui um passo importante para atingir tal objectivo. Falta agora passar da listagem para a análise.

